

---

## **AUTOBIOGRAFIA DE OSUGI SAKAE: UMA VISÃO DO JAPÃO ENTRE 1894 E 1910**

Jônatas Ferreira de Lima  
Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
metalahnjfl@yahoo.com.br

Osugi Sakae foi um anarquista japonês que morreu aos 38 anos em 1923. Aqui está uma breve lista de alguns anarquistas que foram contemporâneos e/ou influentes de Osugi: Benjamin Tucker, grande defensor do anarquismo individualista; Buenaventura Durruti, militante anarco-sindicalista espanhol; Emma Goldman, anarco-sindicalista e principal teórica anarca-feminista; Friedrich Nietzsche; Henry Thoreau, autor do livro chamado *Desobediência Civil*; Leon Tolstói, anarquista pacifista; Louise Michel, professora, militante anarquista e *communard*; Mikhail Bakunin, conhecido anarquista socialista; Joseph Proudhon, considerado o “pai” do anarquismo e do mutualismo anarquista; Piotr Kropotkin, anarquista-comunista; Ricardo Magón, teórico mexicano etc. Osugi escreve sua *autobiografia* pouco tempo antes de sua morte, sendo assassinado em Tóquio em meio a uma política militar anti-anárquica dos anos de 1920. Pouco se conhece sobre o que foi o movimento operário no Japão. Em muitos momentos, dá-se pouca relevância ao marxismo (e outros movimentos sociais) no Extremo Oriente especialmente no Japão. Mas não é de se estranhar já que poucos textos foram traduzidos do japonês para algum idioma ocidental. O inglês é o que recebe mais textos para tradução. Com a globalização da cultura japonesa dos últimos anos do século XX, um bom número de textos referentes à história japonesa vem se convertendo em idiomas ocidentais, principalmente o inglês (predominante). As memórias de Osugi de 1894 a 1910, publicadas em Tóquio em 1928, só foram publicadas em inglês em 1992 e em português em 2002. O texto em português foi traduzido por Ludimila Hashimoto Barros. Assim como a narrativa sobre Menocchio que proporcionou uma visão micro de sua época no século XVI, do mesmo modo que a vida de Domingos Sodré, que permitiu ao historiador João José Reis, uma visão de dentro da História da Bahia do século XIX, as memórias de Osugi podem consentir o mesmo efeito em se tratando da História do Japão durante o seu tempo de vida. Sakae viveu intensamente cada momento e relata suas memórias desde a infância em colégios militares, até tempos depois de sua saída da prisão, onde passou a atuar como um

---

anarquista na década de 1910. Sua vida proporciona uma visão de dentro do Japão de mudanças políticas, econômicas e sociais decorrentes da famosa Era Meiji (1868-1912), bem como os primeiros anos do fim do referente período. O principal objetivo deste trabalho é a apresentação desta personagem da História do Japão Moderno.

## **MODERNIDADE: A CULTURA QUE VEM DO OESTE**

Neste primeiro ponto do trabalho, será feito um levantamento mínimo de autores que falaram sobre o oriente, mais especificamente, sobre o Japão, atentando para suas falas sobre esse momento da chegada da modernidade em terras nipônicas em meados do século XIX. O objetivo deste momento é apresentar, de forma orientalista, o Japão que foi se moldando e que foi visto e vivenciado por Osugi Sakae na virada do século XX.

O primeiro autor convocado a falar sobre os primeiros momentos de modernização do Japão é o historiador francês, orientalista, Jean Chesneaux (1922-2007) em seu livro de 1966, *L'Asie orientale aux XIX et XX siècles*. De acordo com Chesneaux, a crise do shogunato é agravada com a abertura comercial ao mundo ocidental, após as expedições realizadas pelo estadunidense Commodore Matthew Parry (1794-1858) com a Convenção de Kanagawa em 1854. Entre 1854 e 1868, ocorreram diversos embates que culminaram na instauração do período Meiji da história japonesa. Dentre esses embates destacam-se a elevação do preço do arroz, acompanhada por uma posterior inflação; turbulência entre os cidadãos dos centros e do interior, gerando uma crise política que também envolviam os *daimyo* do sul (donos da terra) com os políticos “pró-ocidente”; parte dos samurais tinham desejos de conciliar uma tradição ao ideal reformista, como o jovem Saigo Takamori (mencionado por Osugi em sua autobiografia) dentre outros; havia uma clara política anti-shogunata que culminou em 1868 na ascensão do jovem Mutsuhito, apoiado pelos reformistas assumindo o nome de Meiji (governo iluminado); neste ano, as funções *shogun* foram abolidas e através da *Carta de abril de 1868*, foi decretada a todos os japoneses a abolição aos costumes “absurdos” dos *daimyo* e que fosse estabelecida a liberdade à iniciativa comercial e industrial, quebrando com o monopólio econômico nos *han* (terras); a partir de então, os *han* foram convertidos em *ken* (prefeituras) e o governo central sai de Kyoto e segue para a nova cidade, Tokyo, a moderna “capital do leste”.

Acrescentando, o também historiador francês da Escola dos Annales, Fernand Braudel (1902-1985), sobre a pré-instauração do período Meiji, menciona que

[...] de 1639 a 1868, o Japão realizou, apesar de seu fechamento quase completo, progressos consideráveis. [...] A ruptura do Japão com o mundo exterior durou mais de dois séculos, até a Revolução que abre a era de Meiji (1868), logo seguida da intensa industrialização do país. Essa industrialização apresenta-se como um fenômeno à parte, um milagre; ela lança sobre a civilização japonesa luzes vivas. Pois sua brusquidão e, sobretudo, seu êxito extraordinário não se explicam apenas pelas costumeiras considerações dos economistas, não inúteis, é certo, mas por si sós insuficientes. [...] Uma industrialização não é apenas um fenômeno econômico, é sempre certa mutação social, cujo processo freia ou facilita o processo econômico. No caso do Japão, não houve freagem pela sociedade (BRAUDEL, 2004, p. 275-276).

Assim como mencionou Braudel, a Era Meiji foi “brusca” para a sociedade. Segundo a cientista social brasileira Célia Sakurai, “as primeiras medidas nesse sentido procuraram romper a rígida estrutura social do passado” (SAKURAI, p. 140). Um ponto interessante mencionado pela autora é quanto a propriedade do sobrenome familiar, que até então se se identificava através dos nomes de locais de nascimento; os samurais foram proibidos de empunhar espadas e utilizar cortes de cabelos que os diferenciassse na sociedade japonesa. A reforma da educação no Japão se dá num curto espaço, entre 1872 e 1890, contudo, somente em 1940, a população japonesa se encontrará com 99% do total alfabetizada (SAKURAI, p. 142). Em 1896 é regulamentado o Código Civil, no qual em meio a elementos ocidentais, foram mantidos diversos valores tradicionais. A política volta-se para formar uma nova identidade japonesa a partir da construção de um passado glorioso, de vitórias militares. É interessante ressaltar que ainda havia samurais descontentes na pouca inexplorada, na época, ilha de Hokkaido. Outros elementos se inflamam na nova sociedade japonesa: o orgulho nacional, o Japão como uma grande família, aversão a outros povos, a restauração do xintoísmo, cristianismo, e principalmente o confucionismo que cada, possuem elementos importantes para a formação da sociedade, principalmente quanto à obediência, lealdade e respeito aos antepassados (SAKURAI, p. 146-148).

Em 1895, o Japão estabelece um tratado de início de relações com o Brasil, que segundo o historiador brasileiro Clodoaldo Bueno, envolve política, economia e principalmente as imigrações do início do século XX. Quanto à *movimentos sociais* no Japão, correntes que chegaram trazidos do mundo ocidental (sobretudo americanos e

ingleses), é destacado pelo diplomata brasileiro Oliveira Lima (1867-1928) em sua obra, *No Japão*, de 1903, mencionando que

[...] os socialistas japoneses são por enquanto cordados como socialistas de Estado. [...] e o radicalismo exclusivista terá o seu tempo. Vários dos mais distintos representantes do cristianismo nacional, Shimada Saburo entre outros, têm feito já abertos esforços para introduzir no país um socialismo que mal pode deixar de ser taxado de revolucionário (LIMA, 1997, p. 303).

Entre 1902 e 1904, Osugi entrou em contato com um desses cristãos, nacionalistas em seus discursos, mas que costumavam atrair social-democratas e reformistas moderados aos seus cultos, como é o caso do pastor mencionado por Osugi em sua autobiografia, Ebina Danjo.

Neste momento do trabalho, foram apresentadas algumas informações básicas quanto a chegada da modernidade no Japão, bem como um pouco de suas especificidades. O próximo momento do trabalho tratará de apresentar a autobiografia do Osugi Sakae, que abrange os anos de 1894 à 1910 no Japão.

## **APRESENTAÇÃO DA AUTOBIOGRAFIA**

Nesta parte, selecionei alguns pontos importantes que a edição norte-americana da autobiografia esclarece quanto a autobiografia do Osugi. Esses pontos seguiram na ordem: a) apresentação de Osugi Sakae; b) características de seu discurso/conteúdo autobiográfico e c) considerações finais. Esta separação será percebida por parágrafos.

Osugi Sakae (大杉栄) foi uma figura central no radicalismo de esquerda no Japão do início do século XX. Chamado de “pioneiro da liberdade” e “o *shogun* do anarquismo”, era admirado por alguns de seus compatriotas antes, e por muitos mais após a Segunda Guerra Mundial por sua revolta contra um Estado autoritário e uma sociedade opressiva. Osugi tornou-se ativista político quando era um estudante de apenas 19 anos. Dois anos depois, em 1906, foi preso em uma manifestação de rua protestando contra a opressão econômica sobre a classe trabalhadora. Esse fato resultou em sua primeira sentença de prisão, aos 21 anos. Nos dois anos seguintes, ele seria preso outras três vezes cumprindo um total de quase 36 meses na cadeia, antes de completar 27 anos. A repressão do governo, quando somada aos desentendimentos entre facções do movimento radical e à sua incapacidade de atrair apoio popular, deteve o impulso da esquerda. Depois dos julgamentos abertos ao público de 1910, que

condenaram à morte ativistas proeminentes – como Kanno Sugako e Kotoku Shusui por planejarem o assassinato do imperador –, até mesmo a esquerda pacífica foi forçada a um período de quase letargia. Osugi é, portanto celebrado como um rebelde do início do século XX que deixou um legado de luta contra a ordem estabelecida, ainda que tenha alcançado pouco em termos de reformas políticas ou sociais concretas em sua época. Durante toda a sua vida adulta Osugi se sustentou editando e contribuindo para uma variedade de trabalhos completos, em que se introduziu um trabalho de ficção em coautoria com Ito Noe, somou nove amplos volumes no final da década de 1920, e as versões pós-guerra chegaram a quatorze. Estas traduções e trabalhos originais, incluindo a Autobiografia, garantiram a Osugi um lugar seguro nos cânones socialistas como na história do desenvolvimento do que é conhecido como “literatura proletária” no Japão.

A Autobiografia de Osugi pode, portanto ser lida em diversos níveis. Os capítulos 5 e 6 oferecem uma visão interna do movimento socialista em seu início por volta da época da guerra Russo-Japonesa. Aqui ele recorda as reuniões da sociedade dos cidadãos (*Heiminsha*) em 1904 e atritos na indefinida coalizão de marxistas, sindicalistas e socialistas cristãos que discutiam reforma social e pacifismo. Ele também analisa as influências que o levaram a se comprometer de forma irreversível com o movimento. O capítulo 7 descreve os meses e anos nas prisões que muitos outros integrantes do movimento também enfrentaram. Nesse nível, a importância da Autobiografia como documento histórico é evidente. O próprio Osugi desejava que os primeiros capítulos fossem lidos de modo a permitir a percepção do que foram os anos de formação de um rebelde. Para muitos leitores, essa percepção será a melhor justificativa para a tradução para o inglês. Os capítulos 1 ao 3 descreve uma infância e uma adolescência restritas aos horizontes estreitos de uma família militar enviada a uma cidade fortificada, embora também tenhamos um vislumbre do estilo de vida opulento da elite militar quando ele visita seus parentes em Tóquio. Osugi sempre se esforça para nos mostrar como era escassa a liberdade possível nessa atmosfera brutalizante, como no capítulo 4, quando nos leva aos dormitórios e às áreas de lazer do sistema educacional militar. A temática constante é a liberdade pessoal – como sua posse ou privação determina o desenvolvimento de indivíduos e suas relações com os outros. Embora todo o trabalho expresse essa perspectiva, também conta com descrições extraordinariamente autênticas das vida na era Meiji, que vão além da significação

histórica de Osugi como um pensador radical ou do movimento político do qual participou. Há, por exemplo, preciosos esboços da vida em uma cidade provinciana longe de Tóquio ou Osaka, que já estavam em processo de modernização. A todo momento Osugi nos lembra que nítidos contrastes caracterizam sua vida. Ele inicia seu relato descrevendo a surpresa que um guarda da prisão demonstra diante do fato de que justamente ele estivesse naquele lugar. Sua família mantinha atitudes bastantes convencionais: seu pai era um oficial condecorado que lutou nas duas guerras triunfantes do Japão da era Meiji, e sua mãe era uma esposa de militar animada, porém respeitosa e sem nenhuma aspiração aparente a não ser as dedicadas a sua família. A escola pública primária e ginásial que Osugi frequentou enfatizava os valores do dever patriótico a obediência à autoridade, enquanto seus colegas aplicavam as regras coletivas das gangues informais de jovens. Tudo isso o preparou para uma educação militar.

O tom que predomina no relato de Osugi faz de sua vida, porém, não é ácido e sim irônico. Se o esboço de figuras autoritárias é aguçadamente destacado, a ousadia de Osugi é frequentemente temperada por um senso de humor comovente e uma sagacidade dissimulada. Se ele frisa os aspectos opressivos na primeira fase de sua vida também é verdade que constrói suas memórias com uma atenção para o diálogo vigoroso e um toque certamente dramático. E na acusação contra sua sociedade, ele sustenta seu estilo de prosa lúcido do princípio ao fim. Tais características sem dúvida explicam a popularidade do trabalho entre leitores japoneses, as quais – além de quais quer dificuldades inerentes ao vocabulário ou à sintaxe – também constituem o principal desafio para o tradutor.

## REFERÊNCIAS

- BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CHESNEAUX, Jean. **A Ásia oriental nos séculos XIX e XX**. Pioneira: 1976.
- DEL REY, Mario. **Armaduras japonesas: cultura e história do Japão**. São Paulo: Madras, 2008.

---

HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (orgs.).  
**Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte.** São Paulo: UNESP,  
2008.

LIMA, Oliveira. **No Japão:** impressões da terra e da gente. 3. ed. Rio de Janeiro:  
Topbooks, 1997.

SAKAE, Osugi. **Memórias de um anarquista japonês.** São Paulo: Conrad, 2002.

SAKURAI, Célia. **Os Japoneses.** São Paulo: Contexto, 2007.